

OMNIDEF ANALYSIS

Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos

O **OMNIDEF ANALYSIS** é uma publicação mensal composta de análises* acerca de temas constantes nas edições do mês anterior do **OMNIDEF** e considerados de maior relevância no contexto da Defesa Nacional.

Vídeos Relacionados



EUA usarão Centro de Alcântara para lançar foguetes no Maranhão, diz ministro
Para acessar este vídeo [CLIQUE AQUI](#)

Turquia ataca território de milícia curda na Síria
Para acessar este vídeo [CLIQUE AQUI](#)



EUA se aproximam da América Latina para afastar a China
Para acessar este vídeo [CLIQUE AQUI](#)

*As informações aqui contidas não refletem necessariamente a opinião do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra (ESG), do Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos e/ou de seus funcionários. A ESG não é responsável pelos sítios de Internet que não lhe pertencem e aos quais se pode ter acesso através de links ou de qualquer conteúdo disponibilizado neste boletim.

Destaques do Mês

POLÍTICAS PÚBLICAS DE DEFESA

ABERTURA DO CENTRO DE LANÇAMENTO DE ALCÂNTARA (CLA) PARA O MERCADO INTERNACIONAL PRIVADO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE DEFESA

PODER E CT&I NO SETOR AEROESPACIAL: OS PROJETOS FX-2 E CBERS

GEPOLÍTICA, CONFLITO E COOPERAÇÃO

A GUERRA DA SÍRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS GEOPOLÍTICOS

BRASIL E O ENTORNO ESTRATÉGICO

O CRESCENTE ENVOLVIMENTO CHINÊS NA REGIÃO ATRAI A ATENÇÃO DAS AUTORIDADES ESTADUNIDENSES

Corpo Editorial

Editor: Ricardo A. Fayal.

Auxiliar de Edição: Matteo de Barros Manes – Bacharelado em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ.

Auxiliares de Pesquisa: Beatriz Leal – Bacharelada em Relações Internacionais pela UFRJ.

Thaís Fernandes Pereira – Bacharelada em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ.

Marcos do Vale Araujo – Bacharelado em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ

Pesquisadores da Edição

Antonio dos Santos – Mestrado em Ciências Militares pela ECEME.

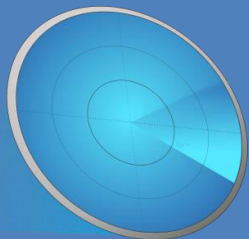
Danilo Marcondes de Souza Neto – PhD em Politics and International Studies pela Universidade de Cambridge.

Guilherme Lopes da Cunha – Doutorado em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Luis Manuel Costa Mendez – Mestrando em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Sergio Kostin – Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).





Abertura do CLA para o mercado internacional privado

Autor: Sergio Kostin

Co-autora: Beatriz Leal

O mercado de satélites é estimado em US\$ 330 bilhões anuais em termos de faturamento, não em termos de lucro líquido, o que é uma importante distinção, sendo que os Estados Unidos da América (EUA) dominam atualmente cerca de 70% deste mercado.

O Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) possui posição geográfica privilegiada em função da proximidade da linha do Equador, que possibilita a economia de cerca de até 30% de combustível de lançamento, além de acesso direto ao Oceano Atlântico, facilitando a logística das operações. Entretanto, o eventual uso comercial do CLA tem sido motivo de contestações, em especial no tocante à soberania nacional, por ser uma base militar.

É legítimo o interesse dos EUA em querer fazer a salvaguarda de seus conhecimentos tecnológicos, e mais importante é enxergar os EUA como importante parceiro, não como um inimigo externo, em que pese cada nação ter seus interesses específicos. O Centro Espacial da Guiana faz o lançamento de satélite de diversas companhias e países, respeitando as salvaguardas comerciais. Trata-se unicamente de um aluguel comercial de espaço.

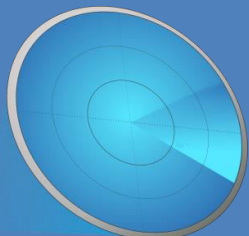
Os EUA já possuem base de lançamento de foguetes em seu território. O interesse por Alcântara é em função das características anteriormente descritas. A intenção da Força Aérea do Brasil em usar comercialmente o CLA é uma decisão racional. É uma potencialidade econômica que o Brasil pode explorar até para poder compensar os gastos da instalação, manutenção e depreciação do CLA, e fornecer recursos para o país, em especial neste cenário fiscal caótico em que vivemos.

Ressalta-se que o CLA possui cerca de 940 pessoas, entre civis e militares. Em função do grave quadro fiscal, muitos projetos foram adiados. Mas, mesmo se a situação fiscal do país fosse boa, não se vislumbra empecilhos no uso comercial do CLA. O Brasil, em especial a máquina estatal, possui diversos ativos que eventualmente poderiam ser utilizados com fim comercial.

Porém, a criação de uma nova empresa pública brasileira a ser criada, a Alada, não parece ser uma decisão racional. Não se tem idéia da demanda nem sequer o lucro que o CLA poderá auferir com o aluguel da base de lançamento. Deve ser criado um marco regulatório que permita que a FAB, bem como as demais Forças Armadas possam explorar seu ativo imobilizado de forma comercial, observando questões de segurança de suas instalações e garantindo a segurança jurídica da operação. Há outras vantagens intrínsecas em relação ao aluguel da Base que é a experiência adquirida com os lançamentos que por ventura ocorram no CLA.

[continua]





Como dito no início do texto, não se trata de um mercado com alto lucro líquido. Ainda assim é necessário que o país saiba explorar comercialmente suas potencialidades econômicas. Um recurso mineral debaixo do solo inexplorado não possui valor até que seja extraído. No caso do CLA, as instalações já existem e estão ociosas, depreciando com o tempo, necessitando de recursos para mantê-las operacionais. O uso comercial do CLA é uma decisão racional em termos econômicos, e pedidos de salvaguarda tecnológica por parte dos EUA são condições naturais neste tipo de operação.

Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

Força Aérea Brasileira – 17/09/2018

Acordo de salvaguardas tecnológicas é necessário para abertura do CLA ao mercado global

Nesta sexta-feira (14), o Presidente da Comissão de Coordenação de Implantação de Sistemas Espaciais (CCISE), Major-Brigadeiro do Ar Luiz Fernando de Aguiar, visitou o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), no Maranhão, e ressaltou a importância do Programa Estratégico de Sistemas Espaciais (PESE), em termos de desenvolvimento para o país e geração de recursos. A explanação ocorreu durante apresentação do CLA a veículos de imprensa nacionais e internacionais. [...] De acordo com o Presidente da CCISE, foi criado grupo técnico com a atribuição de tratar a viabilidade de acordos de salvaguardas tecnológicas com estados estrangeiros, principalmente os Estados Unidos, como forma de potencializar as ações de fortalecimento do Programa Espacial Brasileiro. “O Brasil pretende fechar um acordo de salvaguardas tecnológicas com os Estados Unidos que pode viabilizar para a utilização comercial do CLA até o próximo ano. Os EUA dominam plenamente a área de espaço e queremos começar com boas parcerias”, disse.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)

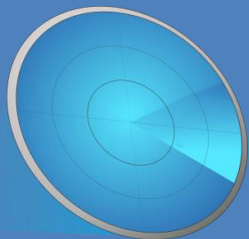
Agência Efe Brasil – 17/09/2018

Brasil aposta em acordo com EUA para retomar programa espacial

O Brasil aposta em um acordo que negocia com os Estados Unidos para retomar seu programa espacial e entrar no clube "de nações" com capacidade de colocar satélites em órbita, um mercado de cerca de US\$ 330 bilhões anuais. As negociações com os EUA, que se aceleraram neste ano, apontam para um acordo de salvaguardas tecnológicas que permita a esse país utilizar a Base de Alcântara, no Maranhão, e cuja posição geográfica privilegiada gera uma grande economia de combustível em cada lançamento. O brigadeiro Luiz Fernando de Aguiar, presidente da comissão que coordena os programas espaciais do Brasil, disse aos jornalistas durante uma visita à base que o acordo negociado os EUA pode ser a porta de entrada do país no negócio global de lançamento de satélites. No entanto, o país está em pleno processo eleitoral, o que pode atrasar a aprovação. Aguiar acrescentou [...] que as autoridades do programa espacial já trataram sobre o assunto com os principais candidatos à Presidência e garantiu que "a maioria" apoia as negociações.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)





Poder e CT&I no setor aeroespacial: os Projetos FX-2 e CBERS

Autor: *Guilherme Lopes da Cunha*

Co-autor: *Luis Manuel Costa Mendez*

Co-autora: *Beatriz Leal*

O desenvolvimento tecnológico autóctone sempre esteve em permanente reflexão. A decisão de lidar com produção ou a aquisição de tecnologias a fim de potencializar a operacionalidade da defesa e da segurança, é um ingrediente crucial no pensamento daqueles que administram e arquitetam o futuro do País. Contudo, as necessidades são superiores à disponibilidade, o que comumente constribe o administrador. Nesse contexto, algumas estratégias são contempladas, considerando cooperação baseada em transferência de tecnologia ou em coprodução. Em termos de relações de poder entre os Estados, autores de diferentes matrizes sublinham o papel do campo de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) na capacidade de poder, entre os quais se pode mencionar Susan Strange e John Mearsheimer. Enquanto Strange considera o conhecimento como uma das faces do poder estrutural em formato de tetraedro (defesa, produção, finanças e conhecimento), Mearsheimer observa-o como poder latente, elemento socioeconômico significativo para a projeção de poder no contexto interestatal.

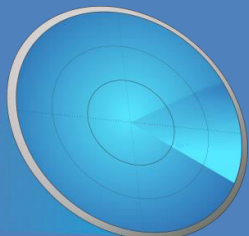
É nesse contexto que a dependência tecnológica deflagra fragilidades. O dilema entre criar e adquirir CT&I se entrelaça a capacidades orçamentárias e a planejamento de longo prazo, pois a formação de complexos industriais requer amplo esforço, desde o fomento a um "cerebroduto", conforme defende Ennio Candotti nos assuntos amazônicos, até a verificação de viabilidade e eficiência dos produtos criados. Por isso, pensando na aquisição associada à transferência de conhecimento tecnológico, sobressaem duas estratégias de obtenção e de elaboração (parcialmente) autônomas: i) as aeronaves Gripen, suecas, relacionadas ao Projeto FX-2 da Força Aérea Brasileira (FAB), e ii) os satélites do Programa CBERS, sigla em inglês de Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (China-Brazil Earth Resources Satellite).

As aeronaves Gripen são objeto de um acordo de cooperação com transferência de tecnologia. Diferente de iniciativas como o KC-390 (Embraer), jato multimissão destinado a transporte tático-logístico, ainda em teste, e o veículo hipersônico Swcramjet 14-X (IEAV), em fase de desenvolvimento, os quais representam criação tecnológica no estado da arte, o Projeto FX-2, acordado em 2014 com a empresa SAAB, por meio de processo licitatório, delinea uma cooperação associada à aquisição em modalidade *offset*, a qual estabelece regras para transferência de tecnologia. Esse parâmetro prevê participação do Brasil como protagonista na realização de parte do emperendimento, incentivando a formação endógena de um conhecimento específico. Sendo uma modalidade de compra que exige desenvolvimento associado, a participação do Brasil nessa tarefa viabiliza uma arquitetura estratégica alternativa, facilitando o cumprimento de etapas do plano e reduzindo fragilidades.

Compondo modalidade diversa, o CBERS resultou no primeiro programa no setor espacial concebido por meio de cooperação entre países em desenvolvimento. Uma audaciosa plataforma de cooperação construída

[continua]





em 1984 viabilizou o acordo de 1988 que cimenta a parceria de construção de satélites. Enfrentando adversidades de diferentes naturezas, sobretudo financeiras, a superação dos obstáculos proporcionou não só o lançamento dos satélites, sendo o primeiro posto em órbita em 14/10/1999, por meio do Centro de Lançamentos de Taiyuan, mas também contribuiu para consolidar as bases das relações sino-brasileiras que resultaram na Parceria Estratégica (1993) e na Parceria Estratégica Global (2012). Nesse contexto, entre outros efeitos, o CBERS incentivou países desenvolvidos a facilitar o acesso a tecnologias espaciais aos países de menor desenvolvimento relativo. Isso é elemento basilar para a formação de uma cultura política desenvolvimentista, identificada em um comportamento comum de países em desenvolvimento frente a restrições, receios e intemperanças no relacionamento com nações mais poderosas.

A capacidade de potencializar mecanismos de Defesa e de Segurança por intermédio de CT&I seguirá sendo prioridade. Tanto o aprimoramento dos acordos de cooperação com a SAAB quanto a comemoração dos 30 anos da Parceria Sino-Brasileira na produção e lançamento de satélites, o sexto com previsão para 2019, demonstram o esforço brasileiro para implementar planejamento estratégico eficaz frente a restrições. A capacidade espacial, entendida como ampliação de poder estrutural ou latente, incentiva administradores públicos e estrategistas a lidar com a escassez de recursos sem descuidar do dever de incrementar e proteger ativos estratégicos. A produção e a aquisição de produtos de Defesa precisa atender a necessidades específicas de cada sociedade, pois tecnologias incorporadas com base em necessidades de outros povos ou sob pressão de grupos de interesse privados podem resultar em gastos prescindíveis e pouco efetivos. Portanto, resta a compreensão de que não somente o KC-390 e o Scramjet 14-X são exemplos de propostas exitosas na superação de dependência tecnológica: os Projetos FX-2 e CBERS corroboram uma audaciosa engenharia de ampliação da capacidade de poder dissuasório do Brasil.

Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

AEB – 03/09/2018

Parceria Brasil-China é exemplo de sucesso para o mundo

Os 30 anos de parceria entre Brasil-China na área de satélites de sensoriamento remoto foram comemorados por autoridades brasileiras e chinesas, profissionais e especialistas da área espacial, além de empresas que contribuíram para o desenvolvimento dos satélites do Programa Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS), e também para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil. A parceria Brasil-China firmada em 1988 já desenvolveu seis satélites, cinco deles já lançados. [...] O CBERS-4A encontra-se na fase de integração e teste no Laboratório do INPE, com previsão de lançamento para 2019.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)

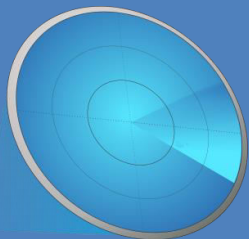
Folha de São Paulo – 06/09/2018

Cooperação entre Brasil e China para inovação requer estímulo à educação

A criação do Brics foi fundamental para a aproximação entre Brasil e China nos últimos anos, inclusive no ramo da inovação. Para que haja um aprofundamento da parceria é preciso alinhar o sistema brasileiro de educação com novos objetivos. No campo técnico das universidades, o interesse pela cooperação entre os dois países é crescente, mas faltam estímulos, segundo Gilberto Kassab, ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Discutiu-se também a necessidade de articular ciência e tecnologia com políticas públicas e sistemas produtivos.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)





A Guerra da Síria e seus desdobramentos geopolíticos

Autor: Antonio dos Santos

Co-autor: Marcos do Vale Araujo

A realidade atual no Estado sírio decorre de múltiplas condicionantes: históricas alianças, influência de grupos étnicos distintos e, principalmente, a presença de grandes Estados do sistema internacional. O que aponta a literatura sobre segurança internacional é que esse cenário materializa uma Guerra por Procuração (*proxy war*), fenômeno já conhecido desde os tempos de Guerra-Fria e caracterizado sobretudo por um confronto em que há o embate indireto de outros *players* sob o “disfarce” de um conflito interno em uma região ou Estado específico.

Observa-se com clareza grandes potências como a Rússia, aliada histórica do regime de Assad, direcionando grandes fluxos de capital para fortalecer o regime sírio. Esta influência pode ser exemplificada com o comunicado oficial recente, feito por Putin e Assad, dando conta da previsão de realizar um ataque contra a localidade de Idlib (último grande ponto de controle das forças rebeldes), ao norte da Síria, próxima a fronteira sul da Turquia. Em síntese, a Rússia tem desempenhado um protagonismo agressivo nesta fase de recomposição da ordem mundial, e atuado ao lado da Síria, desafiando as propostas dos EUA para aquela região.

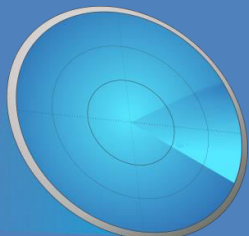
O governo Trump, após tomar conhecimento do comunicado conjunto russo-sírio, afirmou que não iria aceitar novo ataque com uso de armas químicas na Síria. Além disso, um ponto a se mencionar sobre a atuação dos EUA na região é a disputa gerada com o Irã, país tradicional aliado do governo sírio e que almeja consolidar sua influência regional. É fato que os acontecimentos na Síria contribuem para a deterioração das relações entre EUA e Irã, já prejudicadas em razão do tratado nuclear. A convergência entre Irã, Síria e Rússia em busca do controle de regiões como Idlib e o combate às forças curdas, desafia diretamente os EUA pois tensões já foram geradas devido ao apoio dos estadunidenses aos curdos. Em linhas gerais, essa trinca se opõe a outra coligação composta por EUA, Israel e Arábia Saudita no que tange à consolidação de influências regionais.

Os turcos exercem papel preponderante em razão de sua localização estratégica, recebendo pressões e influências da União Européia, Rússia e EUA. Nesta questão específica, a Turquia representa o último obstáculo ao acesso dos imigrantes/refugiados de guerra em direção a Europa. É importante citar que após uma reunião entre os presidentes Erdogan e Putin, na qual o presidente turco apresentou as conseqüências de um ataque a Idlib como uma provável fuga em massa de refugiados, o ataque foi adiado/suspenso, pelo menos provisoriamente.

Além disso, de acordo com o noticiário internacional, a Turquia almeja agir a leste do rio Eufrates, na Síria, de modo a estabelecer zonas seguras e conter as Unidades de Proteção Popular, milícia curda presente na região. As atitudes autoritárias no âmbito doméstico turco do presidente Erdogan não tiveram contrapartida retaliatória, nem da União Européia, nem dos EUA, em razão do papel central que a Turquia exerce em função de sua localização

[continua]





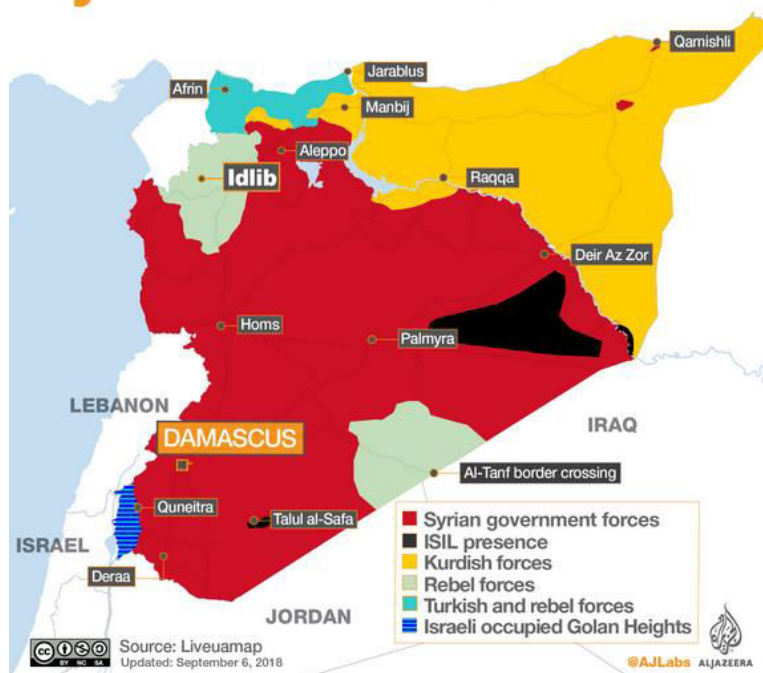
OMNIDEF ANALYSIS

Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos

geográfica privilegiada. No entanto, são obscuras as conseqüências de uma expansão militar turca com o foco no território controlado pelos curdos, principalmente por ameaçar diretamente os interesses da OTAN e EUA.

Do acima exposto é licito afirmar que o conflito no Estado sírio terá um desfecho imprevisível, por motivo de um jogo de múltiplos interesses que afetam não só a estabilidade regional, mas também a ordem mundial. Pode-se perceber a influência e a relevância da geopolítica como fator explicativo e orientador das atitudes dos atores envolvidos, sobretudo no que diz respeito à Turquia que, com base no fundamento geopolítico da localização geográfica anteriormente mencionado, torna-se um *player* central no cenário regional do Oriente Médio.

Syria: Who controls what?



Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

ABC News – 21/09/2018

Syria's Idlib province may be spared a mass slaughter, but for how long?

There are hopes that a feared mass slaughter in the Syrian province of Idlib could be averted, after a de-escalation plan was agreed to between the Assad regime's ally Russia and Turkey. The announcement of the deal this week provided some hope that President Bashar al-Assad's planned massive, final push to retake the province could be staved off. But one senior US Army War college expert, with long experience in the region and in advising the US Government, says it's probably just a temporary reprieve.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)

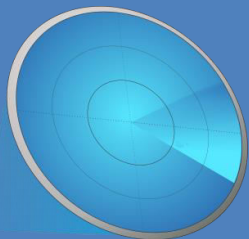
Reuters – 24/09/2018

Turkey's Erdogan vows to impose secure zones east of Euphrates in Syria

Turkey will take action east of the Euphrates river in Syria and impose secure zones as it has done in the northwest of the country, President Tayyip Erdogan said in comments broadcast on Turkish media on Monday. Earlier this year, Turkey carried out a military operation to seize control of Syria's Afrin region from the Syrian Kurdish YPG militia, which Ankara considers a terrorist organization. The YPG also controls the Syrian region east of the Euphrates.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)





BRASIL E O ENTORNO ESTRATÉGICO

O crescente envolvimento chinês na região atrai a atenção das autoridades estadunidenses.

Autor: Danilo Marcondes de Souza Neto

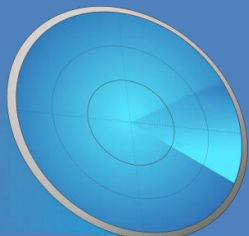
Co-autora: Thaís Fernandes Pereira

O aumento da presença da República Popular da China (RPC) na região da América Latina e do Caribe tem despertado cada vez mais o interesse das autoridades do governo dos Estados Unidos da América. Nos últimos anos, os países da região aumentaram as suas relações econômicas com a RPC, mas há também avanços no relacionamento no campo da defesa e cooperação militar, diplomático e na atuação chinesa em investimento externo direto na região. Esse envolvimento crescente posiciona a China como ator capaz de oferecer aos países latino-americanos e caribenhos uma alternativa frente ao papel dos Estados Unidos como ator preponderante em termos de segurança e defesa, comércio e investimentos na região. Dessa forma, o interesse chinês pela região tem sido acompanhado pelas autoridades dos EUA, que procuram destacar os laços históricos e os valores compartilhados que unem os EUA com os países latino-americanos, como forma de reduzir a influência crescente da China na região. Por exemplo, em visita à América do Sul em agosto de 2018, o Secretário de Defesa dos EUA, James Mattis, visitou o Brasil e enfatizou os valores compartilhados entre os EUA e o Brasil, incluindo a democracia. Mattis também destacou a atuação dos dois países durante a Segunda Guerra Mundial. A visita de Mattis, a primeira de um Secretário de Defesa à região desde 2014, incluiu, além do Brasil, a Argentina, Colômbia e o Chile.

O impacto do crescente envolvimento chinês na região pode ser identificado também quando consideramos países específicos no espaço da América Latina e Caribe, em particular aqueles que tem passado por situações de crise política e econômica, acompanhadas com atenção pelo governo dos EUA. No caso da crise econômica e política recente na Venezuela, nota-se o envolvimento crescente da China como alternativa ao isolamento sofrido pelo governo de Nicolás Maduro (a Venezuela foi suspensa do Mercosul em agosto de 2017 por ruptura da ordem democrática). A China e a Venezuela já vem cooperando faz mais de dez anos, mas devido à crise que afeta o país sul-americano, essa cooperação se intensificou recentemente. O chefe de Estado venezuelano visitou a China em setembro de 2018 e, no mesmo mês, ocorreu a primeira visita de um navio da Marinha chinesa (PLA-Navy) à Venezuela. Destaca-se que o navio que realizou a visita foi o navio-hospital Arca da Paz (Daishan Dao, em mandarim) e que a visita incluiu o fornecimento de ajuda humanitária por parte da Marinha chinesa. Um dos setores mais afetados pela atual crise venezuelana é justamente o setor de saúde, a Venezuela vem passando por um período de escassez de medicamentos e de outros insumos de uso médico-hospitalar, sendo afetada também pela imigração de profissionais que atuam no setor de saúde. Apesar da situação na Venezuela ter adquirido um caráter mais emergencial, devido à crise no país, a visita do navio chinês, iniciada em junho de 2018, incluiu também outros países latino-americanos e caribenhos como Colômbia, República Dominicana, e Equador.

[continua]





OMNIDEF ANALYSIS

Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos

O interesse chinês na América Latina e Caribe também está voltado para a busca por reconhecimento diplomático. Taiwan vem perdendo aliados diplomáticos no mundo em período recente, por exemplo, em 2018 Burkina Faso, São Tomé e Príncipe e El Salvador decidiram estabelecer relações com a RPC, mas a região da América Latina e Caribe ainda concentra o maior número de aliados diplomáticos de Taiwan (nove de um total de 17 Estados). No caso dos países da região que reconhecem Taiwan, destaca-se o caso do Paraguai (as relações diplomáticas foram estabelecidas em 1957). As implicações desse relacionamento se traduzem em impedimentos para o avanço de negociações entre o Mercosul e a República Popular da China.

Notícias veiculadas pelo OMNIDEF

The New York Times – 08/09/2018

U.S. Recalls Top Diplomats From Latin America as Worries Rise Over China's Influence

The United States has recalled three chiefs of mission from Latin American nations that cut diplomatic ties with Taiwan in favor of recognizing China. The move comes as American officials have expressed growing unease over China's rising influence in the region. The diplomats, who represent the United States in the Dominican Republic, El Salvador and Panama, will meet with leaders in Washington "to discuss ways in which the United States can support strong, independent, democratic institutions throughout Central America and the Caribbean," a spokeswoman for the State Department, Heather Nauert, said in a written statement on Friday. For decades, Taiwan and China have competed for recognition. In 1979, the United States switched its support and officially established sovereign relations with China, and many other countries followed. But Washington has supported any decisions by nations to continue recognizing Taiwan, a self-governing island that China wants to bring under Communist Party rule.

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)

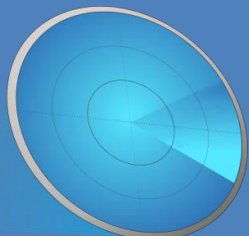
El Tiempo – 20/09/2018

Las relaciones China-América Latina y el Caribe, en la nueva era

Apartir del XIX Congreso Nacional del Partido Comunista de China, las relaciones entre China y América Latina y el Caribe, guiadas por un nuevo rumbo, ya han logrado flamantes avances. En enero de este año se celebró con éxito la Segunda Reunión Ministerial del Foro China-Celac (FCC). El presidente Xi Jinping envió una carta de felicitación y lanzó la iniciativa de plasmar juntos, entre China y América Latina y el Caribe, el nuevo plan maestro de la construcción conjunta de la Franja y la Ruta, el cual recibió una positiva acogida de los países latinoamericanos y caribeños. En esta reunión también se publicó la 'Declaración especial sobre la iniciativa de la franja y la ruta', que simbolizó la extensión formal de esta iniciativa a América Latina y el Caribe. Hasta la fecha, China ha firmado con 9 países de la región el memorándum de entendimiento de cooperación sobre la Franja y la Ruta. Además, China viene ampliando su círculo de amigos en América Latina y el Caribe. Después de Panamá, República Dominicana y El Salvador han establecido relaciones diplomáticas con China [...].

Para a notícia completa, [CLIQUE AQUI](#)





OMNIDEF ANALYSIS

Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos



Escola Superior de Guerra (ESG)

Fortaleza de São João - Av. João Luiz Alves,s/nº, Urca

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22291-090

Tel.: (21) 3545 9889 / Fax (21) 3545 9971

cee@esg.br

As informações aqui contidas não refletem necessariamente a opinião do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra, do Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos e/ou de seus funcionários. A Escola Superior de Guerra não é responsável pelos sítios de Internet que não lhe pertencem e aos quais se pode ter acesso através de *links* ou de qualquer conteúdo disponibilizado neste boletim.

O autor cedeu à Escola Superior de Guerra – ao Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos – os direitos de reprodução do material e quaisquer transcrições para o meio impresso e/ou digital a partir do material original, para edição, reprodução e publicação impressa e/ou em mídias digitais em língua portuguesa, ou em outros idiomas, por tempo indeterminado. Fica assegurado, portanto, o direito de dispor deste material para divulgá-lo em outros canais oficiais do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra ou do Instituto de Geopolítica e Estudos Estratégicos.

